

11

CAPÍTULO

Solidariedade em cooperativas: a economia, a cultura e a afetividade

Solidarity within cooperatives: economy, culture and emotions

183

Paulo de Salles Oliveira

RESUMEN

Este capítulo analiza la formación de una cultura de solidaridad en las organizaciones productivas económicamente solidarias. En él se muestran las referencias históricas que las sostienen, así como las contradicciones y los obstáculos que deben superarse en una sociedad cuyos valores predominantes son totalmente adversos. En este escenario, se destacan los lazos afectivos, traducidos por la confianza y la amistad, formando una trayectoria en la cual se hace un aprendizaje sin fin.

PALABRAS CLAVE

Cultura solidaria, solidaridad, cooperativas, afecto, aprendizaje, contradicciones, socialismo.

SUMMARY

In this chapter we analyse the formation of a culture of solidarity within productive organizations whose economy is dictated by economic solidarity. It points out their historical basis and also the contradictions and barriers these organizations must overcome within a society whose principal values are in complete opposition to those they hold. In this scenario, affective bonds are particularly important and translate into confidence and friendship on their journey towards endless learning.

KEY WORDS

Solidarity culture, solidarity, cooperatives, affectivity, learning, contradictions, Socialism.

Economia solidária é a designação abrangente para variadas formas de organização da produção e distribuição de bens ou serviços que se desenvolvem no seio de formações sociais capitalistas, mas que se colocam de forma crítica e alternativa a elas. Igualdade e democracia são os princípios norteadores da economia solidária. A igualdade responde pela necessidade de equidade e justiça na distribuição das grandezas obtidas e a democracia, pela igualdade de direitos de cada um dos membros, indistintamente. Entre as possibilidades de realização da economia solidária estão as cooperativas, sobre as quais se apóiam as reflexões aqui desenvolvidas. As cooperativas vinculadas à economia solidária se distinguem de outras homônimas pela unidade entre capital e trabalho, pela igualdade de valor entre as cotas de cada membro, pela inexistência de possuidores de cotas entre pessoas que não trabalhem, pelo não-assalariamento e pela autogestão do empreendimento.

As cooperativas populares, especificamente, nascem de um esforço dos excluídos socialmente para exercer algum tipo de trabalho, condizente com suas possibilidades, e assim obter rendimento capaz de prover seu sustento e de sua família. Como premissa necessária para serem constituídas, as cooperativas requerem pluralidade de adesões, ultrapassando assim o âmbito individual de decisão. Desde seu nascedouro, colocam o desafio de se criar uma organização produtiva, que só se realiza com o concurso de um conjunto de pessoas, ou seja, que somente é possível mediante ações e acordos coletivos. Mais que isso, uma cooperativa só consegue atuar adequadamente quando seus componentes conseguem traduzir na prática uma vida em comunidade, uma proposta de interações o mais possível igualitária e justa, para que não venha a reiterar, em seu interior, formas análogas de privilégio, exceção ou exclusão às existentes na sociedade. As cooperativas, para cumprirem efetivamente seus objetivos, não podem, portanto, acomodar dentro de si práticas discricionárias socialmente, pois se enfraquecem e sofrem distorções comprometedoras, de vez que seu nascimento se justifica exatamente como recusa de situações de discriminação social. Em outras palavras, para que se formem com solidez, precisam construir e nutrir, ao mesmo tempo, uma cultura solidária entre seus membros.

Por mais meritórias que sejam as metas de justiça, democracia e igualdade sabe-se que sua realização plena, na vida cotidiana, esbarra em contradições inerentes à condição humana. Ademais, não é nada fácil e tampouco rápido assimilar, incorporar e por em prática formas de agir e pensar que sempre levem em consideração o outro, a cada instante da vida. Não foi nesta direção que as orientações predominantes em nossas vidas nos afeioaram. Trata-se, portanto, de algo que, uma vez concertado, demanda tempo e persistência. A multiplicidade de obstáculos para que uma vida cooperante ganhe viço quase nos inclina a pensar que esta é uma tarefa não somente povoada de incertezas; mais que isso, ela representaria uma atividade vã, uma reedição da labuta de Penélope.

Foi pensando justamente em desafios como este que estas reflexões foram articuladas. Entretanto, ao se propor a possibilidade de que práticas lúdicas possam vir ajudar a sedimentação de interações sociais solidárias não se pensou em diminuir, ou em alguma medida reduzir, a importância do móvel econômico. A idéia é promover um exercício interdisciplinar, discutindo a simultaneidade de constituição de uma economia e de uma cultura solidárias, no mesmo movimento que impulsiona a criação de cooperativas populares. Este ensaio, todavia, nada mais é que um *início de conversa* e pretende balizar as raízes históricas da formação de cooperativas populares para que se possa entender o terreno em que se situam a economia e a cultura solidárias.

Falar em universo lúdico neste contexto pode parecer algo dissonante. Todavia, a necessidade de distensão sempre acompanhou o movimento cooperativista, desde sua origem na Grã-Bretanha do século XVIII. Lá estavam os *trade clubs*, clubes de ofício, verdadeiras sociedades mutualistas que se reuniam periodicamente com uma pauta de objetivos, sendo o mais importante deles “comprar cerveja e ter fins de tarde alegres” (Cole e Postgate, apud Singer, 1998-a), além, é claro, de defender interesses comuns, tais como: criar um endereço em que os trabalhadores qualificados pudessem ser encontrados, estabelecer mecanismos de ajuda em enfermidades e enterros, além de definir a formação de novos aprendizes. Sempre é interessante não perder de vista a vinculação histórica entre estes locais propícios para beber e o desenvolvimento do associativismo dos trabalhadores, tradição que se revigorou nos séculos subseqüentes.

Raízes das interações sociais solidárias, a crítica dos autoritarismos

Igualdade e democracia, como premissas de economia e cultura solidárias, enfatizam tanto a recusa das relações capitalistas quanto as desenvolvidas pela verticalidade dos socialismos que até aqui se conheceu.

Quanto ao capitalismo, a antinomia é fundamental, pois que, na economia capitalista, a propriedade privada dos meios de produção implica a exclusão da maioria do contingente populacional desta condição. Estes trabalhadores vendem ou alugam sua única propriedade, que é a força de trabalho, gerando uma riqueza excedente em relação àquilo que lhes é restituído sob a forma de salários. O excedente é apropriado pelos capitalistas, sendo que *parte dele* é acumulado, gerando a reprodução ampliada do modo de produção.

A sociedade capitalista está, assim, fundada na cisão entre classes antagônicas, agravada pelo movimento sucessivo de exclusão, gerado pela renovação constante das técnicas de produção e, com elas, pela redefinição das formas pelas quais se organizam tanto o mercado quanto as empresas. Neste cenário, o desemprego é, mais que uma ameaça, uma

realidade constante e cruel, por tudo aquilo que envolve na sobrevivência material e também na auto-estima de cada trabalhador, pois passa a ter uma identidade definida a partir da negatividade. Deixa de ser o torneiro, a professora, o contador, a costureira para ser mais um *desempregado*. Sob esta ótica, entende-se bem por que a luta de classes jamais desapareceu e constitui a essência do movimento contraditório do real. Seguramente, é um movimento povoado de tensões, havendo variadas formas de enfrentamento, algumas delas denotando resistência e recusa a este modo de organização da sociedade.

A crítica, todavia, não se restringe ao capitalismo. Envolve também as formas autoritárias pelas quais se buscou impor, de cima para baixo, o socialismo, formando aquilo que genérica e empiricamente se denominou *socialismo real*. Mereceu inúmeras críticas e restrições de marxistas não-ortodoxos e de liberais, na medida em que formou, em diferentes países, regimes de intolerância, cuja proximidade ao fascismo foi impossível negar ou ignorar.

Assim, do ponto de vista que aqui se assume, a solidariedade defendida é de outra natureza. É algo que terá ainda de ser edificado e que demanda de todos nós um projeto de qual socialismo desejamos e quais seus fundamentos. “O socialismo sem aspas terá de ser construído pela livre iniciativa dos trabalhadores em competição e contraposição ao modo de produção capitalista *dentro da mesma formação social*. (Singer, 1998-a)” Essa a via da revolução social, isto é, da passagem de uma formação social a outra, engendrada e realizada pela luta dos trabalhadores e de seus aliados. Não pode, portanto, ser fruto de ação desenvolvida de cima para baixo, sob pena de reiterar práticas anteriores mal-sucedidas, que se deseja a todo custo evitar.” (Singer, 1998-a) Trata-se, portanto, de um socialismo democrático, sustentado por um projeto social de grupos organizados, objetivando tornar concretas as práticas da democracia e da igualdade. Requer, portanto, a constituição destes grupos enquanto sujeitos históricos de seus destinos, de forma conjunta e articulada, caso contrário o projeto poderia recair em verticalismos, em vanguardismos, enfim em autoritarismos comprometedores de suas bases democráticas (Singer, 2000).

Fontes históricas

Retoma-se aqui uma prática que não é original e cujas origens remontam à segunda metade do século XVIII. Além dos clubes de ofício, outros marcos importantes se estabeleceram, entre os quais a contribuição de Robert Owen (1770-1858). Inicialmente um empresário filantropo, empenhou-se a usar a energia das máquinas para acabar com a miséria e garantir vida digna a todos, proporcionando a seus empregados jornada reduzida, reajustes salariais, além de moradia, escolas e gêneros alimentícios de qualidade. Idealizou um plano ousado, o das *aldeias cooperativas*, que viveriam em comunidade e deveriam trocar entre si produtos de que necessitassem. Sob a inspiração de Owen, cerca de duzentos e cinquenta sociedades cooperativas se formaram entre 1826 e 1835. Sempre se mostrou uma pessoa de grande sensibilidade social, desprendimento incomum e muita iniciativa.

“Como um dos primeiros homens a utilizar as novas máquinas de tecer algodão logo se deu conta da grande e terrível discrepância entre ‘a grande atenção dada a máquinas inanimadas e o descaso e desprezo com que se tratavam as máquinas vivas’”. Além disso, Owen se mostrou ‘absolutamente farto de sócios que eram treinados apenas para

comprar barato e vender caro. Esse trabalho faz deteriorar, e muitas vezes destrói, as melhores e mais elevadas faculdades de nossa natureza. Com base na longa experiência de uma vida em que passei por todos os níveis de comércio e manufatura, estou absolutamente convicto de que é impossível formar um caráter superior dentro desse sistema absolutamente egoísta. A verdade, a honestidade, a virtude continuarão a ser apenas palavras, tal como o são agora e sempre foram. Sob este sistema não pode haver civilização digna do nome; pois todos são treinados pela sociedade a entrar em conflito uns contra os outros e mesmo destruírem-se mutuamente pela oposição de interesse que eles próprios criaram. É uma forma mesquinha, vulgar, ignorante e inferior de conduzir os negócios da sociedade; e nenhum melhoramento permanente, geral e substancial poderá surgir enquanto não for adotada uma maneira superior de formar o caráter e gerar riquezas” (Wilson, 1987).

Outra referência de luta dos trabalhadores se travou graças à atuação sindical, não raro exercida clandestinamente, através de sociedades de ajuda mútua (*Friendly Societies*). Aqui vale lembrar que a mesma palavra utilizada para designar *ajuda* assinala também *amigo*, *amizade*. Destas sociedades se originaram os clubes de ofício, nos quais, muito provavelmente, se inspirariam depois as cooperativas populares.

Em meados do Dezenove, o movimento cooperativista ganhou impulso com a criação da Sociedade dos Pioneiros Eqüitativos de Rochdale. Foi formada por 28 trabalhadores de ofícios, a maioria deles tecelões, no ano de 1844. O objetivo era criar uma cooperativa de produção e de consumo fiel ao ideário socialista. Tinham em mente uma vida em comum, à base da produção coletiva, partilhada eqüitativamente. Este processo culminou na adoção dos oito princípios fundadores, que até hoje orientam a constituição de cooperativas. São eles:

- 1) Gestão democrática, ou seja, cada sócio tem direito a um voto, independente do capital investido;
- 2) Portas abertas, isto é, livre ingresso na Sociedade de quem assim o quisesse, desde que participasse com uma cota mínima, igual para todos;
- 3) Divisão dos excedentes mediante uma taxa fixa de juros, de modo a que este excedente *nunca fosse* totalmente apropriado pelos investidores. Objetivava formar uma reserva financeira para tornar viável a operacionalidade da cooperativa;
- 4) Excedente em sobras deveria ser distribuído entre os sócios conforme o valor de suas compras, visando a estimular e premiar os que mais se utilizassem dos serviços da Sociedade, uma vez que esta, para sobreviver, necessitava tanto do capital quanto da demanda dos participantes;
- 5) Vendas somente à vista para evitar falência da cooperativa em momentos de crise;
- 6) Venda apenas de produtos puros e de boa qualidade; Esta forma de procedimento marcava o contraponto das cooperativas em relação aos produtos que o mercado destinava aos trabalhadores. Engels (1985) descreve uma cena corriqueira no bairro londrino de Saint Gilles, no século XIX: “O mercado está instalado nas ruas: cestos de legumes e de frutas, todos naturalmente de má qualidade e dificilmente comestíveis, ainda reduzem a passagem e deles emana, bem como dos açougues, um cheiro repugnante”. Por outro lado, é preciso reconhecer que o quinto e o sexto princípios erigidos pela Sociedade dos Pioneiros - uma vez combinados - se de fato caminhavam no

sentido de resguardar a sobrevivência das unidades cooperativas e de garantir que elas somente produzissem artigos dignos de se destinarem ao consumo de pessoas, acabaram, contraditoriamente, excluindo a possibilidade de acesso e consumo dos mais pobres a tais produtos, diante da condição de miserabilidade em que se encontravam.

- 7) Necessidade de educação dos sócios nos princípios do cooperativismo. Aqui se percebe uma herança do owenismo e também a importância que atribuíam à formação e ao desenvolvimento continuado de uma *cultura solidária*, capaz de se consolidar nas interações sociais e de forjar a futura sociedade socialista, que esteve sempre presente nos horizontes do projeto.
- 8) Abertura política e religiosa, mantendo a Sociedade distante das disputas e preferências de seus sócios. Devia, ao contrário, manter-se aberta de modo a que ninguém fosse excluído por suas convicções. Não se deve, entretanto, imaginar um elenco muito abrangente de tendências.

Tais regras, embora já tivessem sido praticadas anteriormente, nunca o foram de modo conjunto, como fez a Sociedade dos Pioneiros. Em sua esteira, uma série de iniciativas congêneres teve lugar, com resultados nada desprezíveis (Morton & Tate, 1963). Essa originalidade foi importante e assinalou um marco até hoje considerado na constituição de genuínas cooperativas.

“É que o conjunto assegura ao mesmo tempo a autenticidade socialista da cooperativa (autogoverno democrático, abertura a novos sócios, educação cooperativa e neutralidade política e religiosa) e a sua viabilidade enquanto empreendimento econômico (taxa fixa de juros, dividendos proporcionais às compras, vendas exclusivamente a dinheiro e venda de produtos puros)” (Singer, 1998a).

189

Assim, a experiência dos pioneiros mostrou a viabilidade de um caminho, que hoje é retomado pela formação crescente de cooperativas populares. Abre-se um espaço anticapitalista no interior do capitalismo, tornando expostas as contradições sociais e mostrando, particularmente à corrente dominante de neoliberais, que a luta de classes - tão exorcizada por eles - nunca esteve ausente do movimento da história.

Desafios e contradições a superar

Contradições se mostram no interior do movimento cooperativista e assinalam desafios. Ajudam a entender por que a defesa das cooperativas populares não é uma unanimidade entre os próprios socialistas.

Alguns chegaram a apontar o insucesso de algumas cooperativas de produção à falta de disciplina de seus membros. Sustentam que uma vez livres das formas de controle dos patrões capitalistas, alguns trabalhadores acabam por se descuidar de suas obrigações, deitando nos ombros de seus colegas trabalhos redobrados.

Assim sendo, não parece infundado que a questão disciplinar tenha merecido particular atenção da parte de Owen, cujos traços de idealismo e desprendimento nunca puderam ser postos em dúvida.

“Quando Owen assumiu o controle dos cotonifícios de New Lanark, na Escócia, os trabalhadores eram homens e mulheres sujos, bêbados e de baixíssima confiabilidade. (...) Tendo como material humano esses miseráveis – e com a desvantagem de ser um galês trabalhando na Escócia – Owen conseguiu, em vinte e cinco anos, criar uma comunidade de alto padrão de vida e de instrução considerável, onde Owen era adorado. Pagava aos empregados salários altos, e fazia-os trabalhar menos horas por dia do que qualquer de seus concorrentes; além disso, sustentava-os em épocas de depressão econômica. Limitou a uma quantia fixa os lucros a serem pagos para seus sócios, aplicando o resto na comunidade para fazer melhorias. Não era evidente - Owen perguntava insistentemente ao mundo – que era assim que toda humanidade deveria ser?” (Wilson, 1987).

Além disso, procurou desenvolver uma proposta educacional para os filhos dos trabalhadores em que castigos violentos nunca tiveram lugar. Imaginava que, assim conduzidas as coisas, a humanidade de amanhã seria não apenas diferente, mas melhor. Houve um momento, porém, que Owen percebeu que, embora o projeto tivesse qualidades inegáveis e ajudasse a promover as pessoas envolvidas, nem tudo caminhava a contento em termos de diligência e empenho. Elaborou, então, procedimentos de controle.

“Mandou que pendurassem sobre cada empregado, em seu lugar de trabalho, um pedacinho de madeira de quatro lados, cada lado com uma cor, sendo cada cor associada a um grau de comportamento. Assim, diariamente, quando caminhava pela fábrica, conforme a cor que o capataz virasse para frente, Owen podia saber como cada empregado havia se comportado no dia anterior. Sempre que encontrava uma das cores que designava comportamento ‘mau ou inferior’, simplesmente fixava a vista no infrator ao passar por ele. Graças a este sistema, teve o prazer de constatar que gradualmente o negro foi substituído pelo azul, o azul pelo amarelo, e este, finalmente, pelo branco.” (Wilson, 1987)

Se é verdade que Owen era adorado pela imensa maioria daqueles trabalhadores, deve ser levado em conta também que, segundo Willian Lovett, um dos líderes dos cartistas e depois militante cooperativista, não deixou de ser muitas vezes despótico, uma espécie de “Deus benévolo, porém onipotente”, no dizer de Wilson.

Um eco de crítica e de reticências às cooperativas – embora de natureza distinta – vem de Rosa Luxemburgo. Segundo ela, as cooperativas, sendo um fragmento socialista incrustado no capitalismo, padecem do fato de que, neste último, o reino das trocas subordina o da produção. Uma cooperativa que estivesse voltada para a produção sofreria necessariamente uma concorrência desigual de empresas capitalistas que lançariam mão de todos os conhecidos expedientes – demitir, cortar pessoal, ampliar ou reduzir (conforme as circunstâncias) as horas de trabalho – para se mostrarem vitoriosas na competição.

“Resulta daí, por conseguinte, para a cooperativa de produção, verem-se os operários na necessidade contraditória de governar-se a si mesmos com todo o absolutismo necessário e desempenhar entre eles mesmos o papel de patrão capitalista. É desta contradição que morre a cooperativa de produção, quer pela volta à empresa capitalista quer no caso de serem mais fortes os interesses dos operários, pela dissolução” (Luxemburgo, 1970).

Essa explicação encorajou a autora a sustentar que:

“Todos os ramos mais importantes da produção capitalista: indústria têxtil, mineira, metalúrgica, petrolífera, como a indústria de construção de máquinas, locomotivas e navios, estão de antemão excluídas da cooperativa de consumo e, por conseguinte, das cooperativas de produção. Eis por que, sem ter em conta o seu caráter híbrido, as cooperativas de produção não podem ser consideradas uma reforma social geral (...)” (Luxemburgo, 1970).

São considerações importantes, mas que poderiam ser problematizadas, ao menos na época atual, pela emergência e pelo sucesso do complexo cooperativo de Mondragón, no País Basco, Espanha, e, no Brasil, guardadas as devidas proporções, pela Companhia Agrícola Harmonia, em Catende, localidade situada próxima a Recife, Pernambuco.

Se, como vimos, o insucesso de algumas cooperativas chega a ser atribuído à falta de disciplina dos próprios cooperantes, Rosa Luxemburgo não chegou a tanto. Sustentou que o problema é da impossibilidade de os trabalhadores usarem contra si mesmos os mecanismos autoritários da empresa e das leis de competitividade do mercado. A questão, entretanto, permanece candente e em aberto, desafio importante entre os vários a serem superados.

Cultura e economia solidárias: mãos entrelaçadas

O desemprego é outra face de manifestação das tensões sociais e abrange o mundo inteiro. Não é diferente no Brasil, a não ser pelas proporções que assume e pela extrema desigualdade social.

Várias são as tentativas de luta diante deste cenário. Certo número de pessoas intenta saídas *individuais* diante do desemprego. Uns visam a acumular capital e ascender à condição proprietária; outros procuram treinar-se e equipar-se para compor uma atividade individual ou familiar; outros, ainda, partem para formas de sustento desvinculadas das relações de assalariamento, trabalhando como autônomos. Além disso, sempre há aqueles que esperam ser novamente absorvidos pelo mercado formal, seja numa atividade semelhante à que têm experiência profissional seja em outra, oferecida pela oportunidade.

Em todos estes casos, trata-se de gente que tem como se sustentar (ou então tem quem possa fazê-lo), durante este período que é visto por elas como transitório em suas vidas. Sabe-se que infelizmente nem sempre é assim. O ajuste entre racionalidade capitalista e desenvolvimento tecnológico não raras vezes levou à dissolução de antigas habilidades e ocupações, sem que o trabalhador pudesse sequer ter tido a chance de preparar-se para a transição. Mudanças foram perpetuadas sem que se atinasse para as implicações de natureza humana e social delas decorrentes. Parece ainda fora dos horizontes a busca de projetos radicalmente criativos, em que a inovação tecnológica não sufoque a responsabilidade social.

Para quem não tem condições de sustento, porém, o espectro se reduz ainda mais, restando talvez a possibilidade de confeccionar e vender pequenos objetos ou preparar alguns alimentos, em escala doméstica. Quando isto não é possível, eventualmente podem ingressar no universo dos ambulantes ou então se dedicar à execução de pequenos serviços.

Além das alternativas de alcance individual, existem também as iniciativas dos que dirigem seus esforços para encontrarem saídas que não são apenas pessoais, mas *coletivas*. Dentre estas, está a formação de cooperativas populares.

A criação de tais cooperativas é, portanto, tão somente *uma* das possibilidades de organização coletiva. Entretanto, é importante reiterar que – pelo menos no modo como a entendemos aqui – ela *necessariamente* se apresenta como contraponto à sociedade capitalista. É um percurso que envolve, ao mesmo tempo, tanto o terreno da economia quanto o da cultura e das formas de organização social. Assinala um caminho possível, construído a partir de práticas desenvolvidas *em comum*. Define-se simultaneamente como um *projeto* e um *processo*, que apontam para uma prática política de transformação. Importante é que, sem a adesão coletiva, não pode realizar-se. Sedimentar essa construção coletiva de modo a desenvolver e cultivar a solidariedade no dia-a-dia, fazendo da existência de todos uma vida genuinamente cooperante é talvez o desafio maior deste projeto (Oliveira, 2006).

Cultura solidária, um aprendizado sem fim

Falar em Cultura Solidária é falar em dificuldade. Isto porque vivemos em uma sociedade em que o que prevalece é a competição entranhada nas variadas formas de interações sociais. Posturas extremamente individualistas dominam a sociedade. Se a competitividade, em determinados momentos, ajuda a que as pessoas possam se impulsionar para aprimorar suas habilidades, o que não deixa de ser algo muito importante, da mesma forma, essa ânsia individualista criando problemas para uma relação mais solidária. Porque ela acirra antagonismos, acende vaidades e cria obstáculos para a percepção do outro como coadjuvante no cenário da vida social. Fica, assim, difícil enxergar a vida social como camarada. Além disso, cada vez mais parece inibir-se dentro de nós o empenho no aprendizado de como articular nossas interações sociais, de modo a que elas possam ser amistosas e justas para com as pessoas com quem nos relacionamos no trabalho, na família, na diversão, em qualquer instância da nossa vida. Vivemos num ambiente adverso à formação da cultura solidária e enfrentamos já de início essa contradição: como falar de cultura solidária num mundo extremamente competitivo e individualista? Tanto quanto a economia, a cultura solidária também brota no seio dessas contradições e emerge como resposta negadora das influências modeladoras que preponderam em nossa sociedade. Para avaliar sumariamente algumas possibilidades que os horizontes da cultura solidária podem nos oferecer, seria importante evitarmos uma auréola fantasiosa em torno dela e encarar alguns dos seus principais desafios, que aqui tentaremos sintetizar.

Um deles é a questão da temporalidade. Está impregnado dentro de nós que o tempo é algo que precisa ser bem aproveitado. E esse “bem aproveitado” normalmente é entendido na acepção econômica do termo, quer dizer, traduzir em cifras, ou pelo menos em números, a quantidade de atividades que realizamos. Se pensarmos nos controles sociais externos que pesam sobre nós, e mesmo se conseguirmos escapar deles, ainda assim, somos prisioneiros de uma armadilha que está dentro de nós porque interiorizamos muito dessa lógica, segundo a qual tempo é exatamente dinheiro. Quando ultrapassamos esta percepção, pode ocorrer de nos censurarmos nas muitas vezes que gastamos bastante tempo sem fazer nada. “Nada” que poderia ser traduzido na impossibilidade de conversão financeira ou numérica do balanço de nosso dia-a-dia. Expressões que usamos no nosso cotidiano mostram bem como isso está interiorizado dentro de nós. Quando dizemos, por exemplo: “Passei a noite jogando conversa fora”. Ou

então: “Ainda bem que as folgas se acabaram, pois eu não suportava mais não ter o que fazer”. Essa temporalidade que rege a produtividade econômica capitalista é a mesma que nos alcança e que nos incentiva perceber o mundo segmentado. E, evidentemente, ela em nada coopera com a cultura solidária.

Não se trata de questionar a necessidade de produzir, porque ela é óbvia e nós a defendemos em qualquer sociedade. O ponto que se quer enfatizar é que a necessidade de produzir não responde pela totalidade dos anseios humanos. O trabalho é sim, importante, mas também são a necessidade de justiça, o desejo de amar e de ser amado o direito a condições dignas de existência, a necessidade de descontração e a necessidade de entrega a momentos mais risonhos. A dificuldade é: como acomodar forças tão díspares, de modo que nenhuma venha a sufocar a outra, num mundo tão adverso, numa sociedade que cultiva a todo instante o poder ilimitado do dinheiro e de sua infinita capacidade de abrir portas, todas as portas. Não cultivar essa reverência aos valores monetários, onde nos levaria? Esse ponto assinala, ao mesmo tempo, o desafio e o nutriente da cultura solidária. Podemos entendê-la também pelo lado afetivo de nossas relações, adentrando num tema que é caro à Psicologia Social. Assim, na medida em que conseguimos uma ruptura com essas maneiras mais egoístas de ser, de agir e de pensar, podemos avaliar melhor, por exemplo, o valor do gesto de receber um abraço caloroso de uma pessoa amiga, que nos ampara no momento de dor, num momento de maior fraqueza. Isso é o alimento da cultura solidária. Singer (2001), economista consagrado, mostra como a proposta de economia e cultura solidárias não pode reduzir-se à dimensão exclusivamente econômica. Abrange, além da cultura, a sociabilidade e as múltiplas formas de reorganização da sociedade. Deste modo, nós que somos da Psicologia Social, nos sentimos muito mais à vontade para dizer que o movimento de constituição das formas de economia solidária é também o mesmo movimento de construção das manifestações da *cultura* solidária. Evidentemente que a economia solidária é importante por vários motivos, o mais imediato dos quais, a possibilidade de inclusão no mundo do trabalho daquelas pessoas que foram deixadas para trás, e que hoje, graças à organização em cooperativas, se vêem restituídas à condição de cidadãos. Entretanto, essas mesmas pessoas, que enfrentaram momentos de premência, na medida em que conseguem superar as adversidades mais cruéis, o que explica que permaneçam nas cooperativas e não saiam delas? Alguns poderão dizer: mas muitos as abandonaram! Valeram-se do fato de terem recuperado a auto-estima e abandonaram o projeto cooperativo. Isso é verdadeiro, mas não podemos nos esquecer de que esta deve ser sempre uma possibilidade aberta a todos. Ninguém deve se sentir constrangido para permanecer contra a vontade. Aderir à economia e à cultura solidárias sempre envolve uma escolha. Escolher significa que podemos aderir e também que podemos desfazer este compromisso quando o julgarmos insatisfatório. Assim, mesmo para as pessoas que optaram por sair, é preciso reconhecer que, se hoje saem, é por que se vêem finalmente fortalecidas por uma adesão grupal que lhes restituiu auto-estima, força de vontade e ânimo, mobilizando forças mais profundas de seu psiquismo, que antes estavam extremamente enfraquecidas. A participação no grupo, se não as convenceu a ponto de se tornar uma adesão mais duradoura ou mesmo definitiva, restituiu a essas pessoas níveis de coragem, discernimento e determinação que, se não fosse o grupo solidário, dificilmente teriam condição de alcançar.

Parece claro que a força da economia e da cultura solidárias repousa no fato de que cada um precisa estar interiormente convencido de que é exatamente ali, daquela forma, que sua vida adquire sentido especial. Não se trata simplesmente - e esse é um ponto importante de entrecruzamento da economia e da cultura solidárias - de que se encontre uma saída individual

para este ou aquele ser humano. Porque tanto a economia quanto a cultura solidárias não se realizam individualmente; elas só se realizam, conforme foi explicitado, através de uma adesão sincera e coletiva. Sem a coletividade, ninguém pratica nem economia nem cultura solidárias. A adesão sincera ajuda certamente as pessoas a conquistarem a percepção de uma vida mais camarada, de uma vida que nos faz ver o outro como coadjuvante do cenário social e não como adversário. A cultura solidária pode emergir na medida em que essas interações sociais se fundem numa base comum, em que os participantes se voltem um para o outro, constituindo um campo mutuamente partilhado.

As pessoas passam a ser estimuladas a cultivar entre elas relações de reciprocidade, de respeito, de busca de entendimento, procurando conjugar igualdade de direitos e deveres às diferenças, aos traços peculiares de cada qual. Combinar adequadamente diferenças individuais e igualdade de direitos e deveres é um dos principais segredos na cultura solidária e é, também, um dos principais desafios. Cada ser humano integrante de uma cooperativa, ou que participa de organização solidária de outra natureza, sabe da dificuldade disso, sabe que é algo que está sempre em construção. Não se trata de alguma coisa consolidada, que se possa dizer “já conseguimos; já chegamos a esse estágio e dele não saímos mais”. Falar em cultura solidária é falar sempre em superação, imaginar algo que está se constituindo, numa manifestação que é inacabada por natureza.

Construir cultura solidária não significa, por outro lado, pensar numa harmonia permanente ou ausência de contradição e de conflitos, muito menos supor uma irmandade. Estamos falando de gente, estamos falando de pessoas como nós, e todos, indistintamente, ao mesmo tempo em que procuramos superar nossas contradições, muitas vezes não conseguimos; inúmeras vezes nos atolamos em nossas incoerências. O reconhecimento de que vivemos imersos em conflitos e em contradições é o início para enfrentarmos os impasses, mas eles ficam menos áridos se tivermos ao nosso lado parceiros solidários. Porque as mensagens que estes têm para nós, muitas vezes, nos ajudam a tomar conhecimento das nossas próprias fraquezas, a discernir os momentos em que não conseguimos sobrepujar nossos conflitos e nossas aflições. São momentos em que nos sentimos incomodados, chegamos a intuir que alguma coisa precisa ser feita, mas não sabemos exatamente o quê. Marcam instantes privilegiados da construção da cultura solidária entre nós.

Um aspecto muito importante é que a coletividade jamais pode abafar a individualidade porque isso significaria a tirania do grupo. E a tirania do grupo leva a um autoritarismo do qual, justamente através de práticas de cultura solidária, estamos tentando nos desvencilhar. Então, o grande desafio é combinar individualidade e coletividade, sem que um sacrifique o outro, estando aí presentes os ideários de justiça, de igualdade e de respeito às diferenças. O cultivo da solidariedade pode se manifestar de diferentes maneiras, sem nunca nos esquecermos que a temporalidade de uma cooperativa é diferente de outra congênera, comporta nuances completamente distintas e isso representa garantia de riqueza cultural. Percebemos, assim, que a cultura solidária é construída por seres sociais encarnados, por pessoas como nós, das diferentes classes sociais - também das classes populares, mas não apenas das classes populares - por todos aqueles que optaram pela recusa das determinações maiores da sociedade capitalista e consagraram a sua vida à uma coletividade que se inscreve no contexto da economia solidária.

Um traço espinhoso, mas necessário, é que nesse universo minha liberdade nunca pode ser irrestrita. Porque, além de mim, eu devo levar em consideração o outro; não posso fazer com que meus impulsos prevaleçam sobre as necessidades dos outros. Vai ser preciso construir um acordo comum, um consenso, em que nem eu abafe aquilo que me é mais caro e nem o grupo

se sinta sacrificado por que eu me expus de modo a sufocar a outrem. Trata-se de um exercício difícil de ser realizado na prática, mas que deve ser uma busca constante dos que vivem uma perspectiva culturalmente solidária. Em face desta dificuldade – poder-se-ia perguntar – quem garante de que tal proposta não passa de uma quimera? Em primeiro lugar, existem múltiplos exemplos diários de vida cooperativa, com pessoas que nós conhecemos, pessoas que nós aprendemos a admirar pela opção de vida, pela busca e pela grandeza de gestos no dia-a-dia. Mesmo quando uma cooperativa nasce como alternativa de geração de renda para gente muito necessitada, nada impede que vá aos poucos construindo o reverso disso, ou seja, a superação da dor e da aflição por uma união vitoriosa, laboriosa e bem sucedida. Nesta convivência, podem tornar a vida mais estimulante, mais interessante. A cultura, neste momento, desce do pedestal de ser algo que está nos livros, nos museus, nos edifícios belíssimos e passa a ser uma construção cotidiana de todos nós. Recordo aqui a feliz expressão, segundo a qual “cultura é vida pensada”, ampliada pela observação de que “é culto quem trabalha” (Bosi, A, 1987). Esta concepção faz de todos nós não apenas consumidores, mas construtores de cultura. Essa a beleza que nos faz crer na importância da cultura solidária, produzida em diferentes formas de organização economicamente solidárias. Todos que participam da criação, da manutenção, da adesão e do funcionamento de uma cooperativa estão *simultaneamente* fazendo cultura solidária. Estão criando uma cultura original, estão ensinando para nós, que vivemos fora desse universo, como é que se pode tornar real aquilo que muitos imaginam ser uma criação fantasiosa no sentido de ser algo sem possibilidade de vingar na existência concreta. Na cultura solidária, é importante realçar a reciprocidade, ou seja, o fato de que, se eu enxergo o outro como um camarada, e se ele também me enxerga assim, um vai ser para o outro uma fonte de crescimento (Bosi, E, 2003). Vou me tornar consciente de meu inacabamento através da ação do outro que interage solidariamente comigo. Eu o agradeço porque ele está me ajudando a crescer, está me ajudando a enxergar o quanto tenho que caminhar num dado assunto. E da mesma forma, num universo culturalmente solidário, se espera que a recíproca seja verdadeira, isto é, que eu possa também ser para o outro uma fonte de crescimento.

Para terminar, fiquemos com a citação do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade. Trata-se do trecho final de “O homem: as viagens”, que formula uma síntese de nossa aventura para marcar a essência da cultura solidária. Conclui o Poeta que:

*“(...) restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
por o pé no chão
do seu coração,
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem*

*descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.”*

(Drummond, 1974)

Se Drummond nos permitisse a ousadia, poderíamos acrescentar: de con-viver *solidariamente*. O fascínio da vida pode estar justamente na renovação de desafios que julgamos acima de nossas possibilidades. A organização cooperante, aliando o companheirismo à ousadia e à capacidade criadora, além de maior densidade, receberia suporte afetivo e alento para crescer associadamente. Nos dias atuais, o ressurgimento de cooperativas, que são fiéis à sua origem socialista, e a articulação cada vez maior que estabelecem entre si ajudam a fazer do projeto solidário muito mais que uma simples promessa. Só no Brasil, são mais de 22 mil empreendimentos do gênero atualmente em curso. Mais que uma idéia, já existe uma promessa; e mais que uma promessa, uma esperança.

Bibliografia

- Andrade, C. D. (1974) *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- Bosi, A. (1987) *Cultura como tradição*. In: BORNHEIN, Gerd. et alii. *Cultura brasileira: tradição / contradição*. Rio de Janeiro, J. Zahar / Funarte.
- Bosi, E. (2003) *O tempo vivo da memória*. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo, Ateliê.
- Engels, F. (1985) *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Trad. de R. C. Artigas e R. Forti. São Paulo, Global (Edição original: 1845).
- Luxemburgo, R. (1970) *Reforma, revisionismo e oportunismo*. Trad. L. Xavier. Rio de Janeiro, Laemert (Edição original: 1899).
- Morton, A. L. & Tate, G. (1963) *Histoire du mouvement ouvrier anglais*. Trad. de F. Gonzalez. Paris, Maspero.
- Oliveira, P. S. (1999) *Vidas compartilhadas*. Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo, HUCITEC / FAPESP.
- Oliveira, P. S. (2006) *Cultura solidária em cooperativas*. Projetos coletivos de mudança de vida. São Paulo, EDUSP / FAPESP.
- Singer, P. (1998-a) *Uma utopia militante*. Repensando o socialismo. Petrópolis, Vozes.
- Singer, P. (1998-b) *Globalização e desemprego*. Diagnósticos e alternativas. São Paulo, Contexto.
- Singer, P. (2001) *Autogestão e socialismo: oito hipóteses sobre a implantação do socialismo via autogestão*. In: Oliveira, P. S. (Org.) *O lúdico na cultura solidária*. São Paulo, Hucitec.
- Wilson, E. (1987) *Rumo à estação Finlândia*. Escritores e atores da história. Trad. de P. H. Britto. São Paulo, Companhia das Letras.